

DIÁLOGO E PROCESSUALIDADE NA TESSITURA DE AÇÕES FORMATIVAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO NAS MEDIAÇÕES INTERSUBJETIVAS

Jon Anderson Cavalcante

Introdução

Peço licença a você que abre este livro para partilhar algumas ideias e afetos sobre Formação. Sei que é um tema vasto e complexo, cheio de nuances e armadilhas, mas vou arriscar no rabisco destas linhas algumas sistematizações.

Parto de minha experiência na Coordenação de Formação do Orçamento Participativo (OP) de Fortaleza—CE, sobre a qual realizarei algumas explanações para melhor situar o leitor/a. Passei a trabalhar na Coordenação de Formação do OP de Fortaleza em junho de 2007, permanecendo até maio de 2009. O OP se constituiu como uma estratégia política de participação popular por meio da experiência formativa de um planejamento mais democrático de recursos orçamentários destinados ao investimento em obras e serviços priorizados a partir dos anseios da população.

A Coordenação de Formação tem como finalidades gerais: acompanhar as atividades ordinárias do OP e seus desdobramentos políticos e psicossociais entre seus participantes, e promover uma série de atividades específicas de Formação para as equipes regionais de mobilizadores da prefeitura e os delegados/as do OP de modo a favorecer sua progressiva e permanente apropriação crítica e criativa sobre o Ciclo Anual de atividades do OP, bem como de seu Regimento regulador.

Na referida Coordenação, inspirei-me na Psicologia Comunitária com a qual entrei em contato na graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará — UFC. A partir de seus pilares epistemológicos fundamentais, a perspectiva histórico-cultural de Vygostsky e Pedagogia da Libertação de Paulo Freire, a Psicologia Comunitária no Ceará aprimorou sua base teórico-metodológica atravessada pelos desafios de nossa complexa e desafiante realidade.

Em agosto de 2008, ingresso no Mestrado de Educação da UFC na linha de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. No

começo de 2009, iniciaram-se os prazerosos e instigantes encontros da disciplina “Dialogicidade e Formação Humana”. As linhas que se seguem surgem do encontro das reflexões e práticas vivenciadas durante a atuação no OP com os olhares e afetos vividos junto com os/as colegas da disciplina citada.

Diálogo e Processualidade na Formação

Para iniciar, viajemos um pouco para um instante no passado quando, para prosear sobre Formação em uma reunião com a equipe de mobilizadores/as do OP, construí os seguintes versos como forma de expressar o diálogo e a processualidade em nosso fazer formativo:

*A formação é uma estrada que todo mundo atravessa
Uns caminham atrasados, outros com muita pressa
Alguns ficam parados numa eterna espera
E há quem corra tão rápido que até atropela.
Nessa estrada é importante não caminhar sozinho
Pois se você se perde no mêi do caminho,
Fica difícil encontrar um abrigo.
A formação é a partida e a chegada,
Mas é mais do que isso: é a própria caminhada
É o jeito de aprender com as nossas pegadas
Que vai nos preparar para as próximas jornadas
É por isso que na Formação temos três perguntas:
Onde queremos chegar?
Com quem vamos caminhar?
Como vamos andar?
Três perguntas que se repetem em toda caminhada.
Três respostas que se seguem sem nunca parar.
Pois a Formação é muito mais um processo do que um lugar
É mais um jeito de aprender do que de apenas ensinar
Não é só responder, mas é também perguntar! (CAVALCANTE,
2007).*

Trago esses versos para o presente por apostar na riqueza da polissemia da poesia e, assim como naquele momento passado, para partilhar a importância do diálogo e da processualidade na Formação, inclusive diante das prováveis dificuldades e contradições com as quais nos deparamos quando atores de políticas sociais pretensamente participativas.

A processualidade a que me refiro se relaciona a uma sensibilidade e criticidade que nos afastem de ações formativas imediatistas, eventuais e fragmentadas. O processo encarado não como uma justificativa para a morosidade, mas para a historicização e a desnaturalização da realidade.

Mas, o que move um empreendimento formativo atribuindo-lhe esse caráter processual? Compreendo que o Diálogo, do qual nos fala o educador brasileiro Paulo Freire, torna-se um catalisador de ações conectadas, com continuidade, mais contextualizadas, com mais sentido para os/as seus participantes. Para esse educador brasileiro:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo [...] Se é dizendo a palavra com que, “pronunciamos” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. (FREIRE, 1987, p.78-79).

O diálogo cria condições para uma processualidade ancorada nas relações cotidianas, nas reinvenções de nós e do mundo e no convite próprio dessa vocação ontológica a intervir no mundo que fazemos parte. Sobre essa encruzilhada ética, Freire nos afirma:

O fato de me perceber no mundo com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. A posição de quem luta para não ser apenas objeto mas sujeito também da História. (1996, p.54).

Trata-se, portanto, de uma busca que adquire vitalidade enquanto uma inquietação e encantamento não só individual. Na experiência do OP confirmávamos esse necessário movimento participativo de criação pessoal e coletiva de ações formativas a responder e questionar: onde queremos chegar? Com quem vamos caminhar? Como vamos andar?

Por isso, a Formação tem a participação como componente inseparável de seu fazer. Para Góis (2003, p.118) ela seria “uma condição intrínseca à atividade social significativa dos indivíduos [...] – potencialização dos indivíduos.”

A ação de participar ou não, depende do sentido que tenha o contexto para cada pessoa. Assim, para alguns, participar

da associação comunitária significa buscar uma vida melhor para sua própria vida e lugar onde mora. Para outras, participar dos eventos culturais é mais significativo, para outros ainda, participar de atividades esportivas, grupos de dança, de caminhada faz mais sentido para a sua vida. Todos nós, de alguma forma, participamos da vida comunitária, e a participação se dá pelo sentido que a atividade tenha em nossas vidas. (GÓIS, 2003, p. 118).

A participação, desse modo, relaciona-se aos interesses, vontades e necessidades das pessoas por algo que as mobiliza para participar. Traz consigo a construção de um sentido pessoal em permanente relação de interferência mútua com os significados – sentidos coletivos, envolvidos nesse contexto de participação (GÓIS, 2003).

Para Vygotsky (REGO, 1995), o sentido é algo particular da pessoa em sua relação com o mundo e consigo mesma. É a expressão de sua singularidade. Os significados são sentidos coletivos, relacionadas aos símbolos sociais que orientam a vida social. A capacidade do ser humano em produzir sentidos e significados e as diversas interações entre ambos constituem o processo chamado de mediações intersubjetivas.

A assunção dos múltiplos sentidos dos participantes exige então um processo formativo que se constitua na criação de condições mais dialógicas (FREIRE, 1987) para a expressão e construção conjunta de práticas e saberes.

Tais condições podem emergir através da criação do que chamo de uma Teia Formativa (CAVALCANTE, 2008) compreendida enquanto um complexo sistema de mediações intersubjetivas conectadas por objetivos comuns mutáveis e permeáveis aos sentidos da participação e da mobilização coletiva.

A ideia de teia formativa surgiu durante os encontros de monitoramento do Plano de Formação de 2008 com os mobilizadores/as do OP. Percebíamos que os limites de nosso processo formativo se davam pela fragmentação de algumas ações e o enfraquecimento de espaços concêntricos. Esses espaços eram oficinas, vivências, reuniões ampliadas com as equipes de mobilizadores ou com seus representantes. Elas proporcionavam uma partilha e criação de saberes e práticas, pois para elas convergiam os múltiplos temas e dilemas do cotidiano do trabalho. Compreendemos que ações inte-

gradas, coletivamente avaliadas e reconfiguradas proporcionavam uma aprendizagem significativa e uma autorregulação do processo formativo.

Elaborei os seguintes versos no período dos encontros citados para compartilhar com os mobilizadores/as características do modo de confecção e regulação de uma teia de aranha, sem um prejuízo da polissemia da poesia:

*A Aranha organiza a sua teia
primeiro com seus fios de sustentação
Depois segue a montar outros fios
Para garantir a sua expansão.
Os fios seguem firmes em seus objetivos
Todos apontam para um centro
comum e infinito de formação.
Ela organiza a sua teia para que tenha
resistência e flexibilidade
Aproveitando o vento e os galhos
Conforme as suas possibilidades.
De tempo em tempo ela repara e renova
a teia fazendo uma reciclagem
Dos fios enfraquecidos ou sem utilidade
Assim segue a aranha a criar a sua teia de conexões
Finas, quase invisíveis e com várias funções
Teia e aranha juntas em suas articulações. (CAVALCANTE,
2008).*

A Teia Formativa é um conjunto articulado de dispositivos que visem a atração e a coconstrução dos sentidos pessoais referentes à participação e dos significados relacionados à mobilização. O dispositivo “se refere a todo tipo de montagem temporal ou espacial que propicia naturalmente ou de maneira propositada o surgimento do novo, do heterogêneo e do singular.” (PETIT, 2002, p.40).

Nesse sentido, resalto a relevância da promoção de dispositivos para onde convergirão iniciativas de avaliação, proposições e elaborações coletivas de ações formativas. Acrescento ainda a relevância de dispositivos favoráveis à horizontalidade ou igualdade decisória acerca dos temas sobre os quais dedicaremos nossa sensibilidade e reflexão.

Um exemplo é o círculo de cultura de Freire (1987), um instrumento de construção coletiva e democrática na qual todos/as

são convidados a uma produção dialógica sobre um tema-gerador. O tema-gerador surge no Círculo de Cultura (FREIRE, 1987) como o tema que afeta e mobiliza os participantes, convidando a uma nova pronúncia do mundo, através do diálogo em torno daquele tema ou palavra-geradora. Desse modo, o surgimento de zonas de diálogo nas interações constituintes desse dispositivo possibilita encontros mais espontâneos e propositivos entre os sujeitos.

Vale salientar que as zonas de diálogo são acompanhadas por tensionamentos para o exercício do poder pelos participantes. Surge, então, circunstâncias férteis para experimentações de arranjos organizativos das vontades conectadas por vinculações afetivas e ideológicas que fortalecem a expressão dos sujeitos.

Com a experiência no OP, é importante apontar que tais dispositivos perdem seu potencial crítico e criativo quando isolados entre si ou dominados por ações que exacerbem um monopólio ideológico ora pela anulação das singularidades pessoais, ora pela negação da possibilidade de construção de um sentido coletivo.

Considerações Finais

As reflexões deste trabalho afirmam a necessidade de entender o processo formativo enquanto uma estratégia organizativa de políticas de existência, de modos de produção de sujeitos e/ou de (a)sujeitamentos. Está nos tensionamentos inerentes à diálogo (FREIRE, 1987) as possibilidades de resignificação de nossas práticas e saberes. De modo a incutir nessas mediações intersubjetivas uma processualidade favorável para a reinvenção dos sujeitos diante das desumanizantes fragmentações das identidades, dos saberes e das coletividades.

Tal empreendimento se dá através de encontros e desencontros, na produção de afetos e de ideias que expressam e constituem nossa identidade, sentimentos e valores. Trata-se de um processo de subjetivação pessoal e coletivo, pois envolve a transformação e/ou reprodução de sentidos e significados (VYGOTSKY, 1987). Processo esse de complexas dimensões, sobretudo quando é atravessado pelos conflitos próprios da relação sociedade civil e governo.

Referências Bibliográficas

- CAVALCANTE, Jon A. M. *Com.versando em tecituras formativas*. Fortaleza, 2008.
- _____. *Versos sobre formação*. Fortaleza, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Psicologia comunitária no Ceará*. Cezar Wagner de Lima Góis. Fortaleza-CE, 2003.
- PETIT, Sandra Haydée: Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes e VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs). *Registros de pesquisas na educação*. Fortaleza: LCR/UFC. 2002.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.
- SÁNCHEZ, Félix. *Orçamento participativo, teoria e prática*. São Paulo, Cortez, 2002.
- YIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PERGAMUM
BCCE/UFC